

Alma brasileira no sax de Ivo

O saxofonista brasileiro Ivo Perelman, radicado nos EUA há dez anos, tem seu primeiro CD lançado no Brasil, com convidados especiais como Eliane Elias, Aíto Moreira e Flora Purim

Airton Soligman

Especial para o Estado

Uma síntese do trabalho de Ivo Perelman, saxofonista paulista que arrebatou a crítica norte-americana no ano passado com *Ivo*, seu primeiro CD, pode ser tirada da dedicatória deste trabalho que a Eldorado acaba de lançar no País. "A todos os músicos de todas as idades, cores, crenças políticas e religiosas, que juntos exercitam seu dom divino numa busca interminável pela paz e igualdade entre todos os povos".

Em maio de 89, Ivo chegou ao estúdio com alguns músicos amigos, alguns amigos desses amigos, convidou Flora Purim e Aíto para a cozinha brasileira. Reuniu todos e disse: "O tema é este; o resto é com vocês". O resultado é fascinante. Uma viagem perturbadora ao mundo das cantigas de roda brasileiras, como *Escravos de Jó* e *Ciranda Cirandinha*, tratadas com a atitude mais deslavada e competente do free jazz. Ivo, sem exagero, é um marco não apenas no que representa em termos de música brasileira no Exterior como na própria trajetória do disputado e criativo mundo do jazz.

O sax tenor de Ivo, 30 anos, parece uma marreta. Pratica uma iconoclastia impiedosa sem cair no ridículo e na ingenuidade. Conhece o métier. Aos nove anos, já debulhava Vêla-Lobos e Bach no violão. A partir dos 15, insatisfeito, tentou violoncelo, piano, trombone e clarinete. Há 10 anos nos Estados Unidos, Ivo vem sedimentando seu conhecimento com os melhores mestres, driblando dificuldades econômicas e de adaptação acadêmica. Desistiu da Berklee School of Music, uma das mais renomadas escolas do mundo; suas pretensões não cabiam nos moldes tradicionais da escola.

"Hoje me sinto apto a explorar o caldeirão musical que absorvi durante minha vida toda", disse semana passada em entrevista exclusiva ao Caderno 2, na última de suas quatro passagens pelo Brasil em uma década. Avesso a rótulos, resume sua música como "espontânea", expressa sem filtro de racionalidade. Mas discute teoria estética e cita Adorno como quem fala de futebol. O mergulho na tradição musical brasileira, já no primeiro disco, foi um processo psicanalítico. "É uma espécie de volta ao útero Brasil. Abro a torneira do inconsciente e deixo jorrar". E emenda: "Depois de 20 anos de mistura no jazz, em que a emoção e a espontaneidade foi deixada de lado, existe a necessidade patológica dessa emoção".

Comparado por muitos ao saxofonista Albert Ayler, por abordar temas simples e folclóricos para expressar um turbilhão de idéias, Ivo não se sente à vontade com essas referências. Tudo em sua música, garante, é espontaneidade.

A técnica parece simples. Ivo introduz o tema no sax e abre o armazém das idéias, para retornar à melodia básica tradicional no final. Em *Escravos de Jó*, por exemplo, não espera nem o segundo chorus para começar o desmonte, saindo constantemente da escala original, sustentado rítmicamente pela percussão de Aíto e a bateria de Peter Erskine. Flora canta a letra e entra no improviso. Tudo parece cusar perfeitamente. Ao final, Ivo consome algumas passagens apenas fazendo lembrar a me-

lodia, surpreendendo em cada um deles com um composto atonal diferente.

Nesta *Rua* começa com piano de Don Preston. Flora parece cantar a melodia acima de seu tom habitual, introduzindo o tom dramático que será explorado por Ivo sobre a melodia em tom menor.

O *Cravo e a Rosa* inicia como um frevo rasgado na percussão apenas para a introdução da melodia pelo sax. O resto, mais de oito minutos, é pura improvisação coletiva. Podia ser mais curta.

Uma pausa nas cantigas, para Ivo destilar *El Dia en Que Me Quieras*, o famoso tango de Gardel. Apenas o piano da brasileira Eliane Elias sustenta a melodia, aparentemente desenvolvida de forma convencional por Ivo. Aparências. Seu sax tenor é sempre soprado forte, evitando modulações de volume nas passagens mais sublimes, o que cria um efeito de distanciamento crítico em relação ao tom choroso e arrebatador do tango. É talvez a leitura mais moderna do clássico.

Em *Ciranda Cirandinha*, a bateria constrói uma célula rítmica parecida com a de *Sarará Miolo*, de Gilberto Gil. *Terezinha de Jesus* usa um ritmo composto, próximo do andamento do famoso *Take Five*, imortalizada por Dave Brubeck, enquanto o sax flui livre. Além de um ótimo solo de Don Preston, a canção traz o baixo elétrico de Buell Neidinger marcando e o acústico de John Patitucci solando sobre a base rítmica. A experiência é fascinante. O CD acaba com *Ponta de Areia*, de Milton Nascimento e retoma a dupla de Ivo com Eliane. Ao contrário de *El Dia...*, a melodia é desenvolvida de forma lírica, quase singela. Também sobre tom menor, o improviso é feito de forma lenta, com modulações de volume e embocadura, o que torna as coisas mais pungentes.



SERVIÇO

Ivo (Estúdio Eldorado) — Edição exclusivamente em CD do álbum do saxofonista brasileiro Ivo Perelman, radicado em Nova York. Participação de Flora Purim, Aíto Moreira, Eliane Elias e John Patitucci. Preço médio: Cr\$ 4.300,00



Ivo Perelman: talento comparável a grandes nomes do jazz como Albert Ayler